

## Cadeia Produtiva

### Petroquisa viabiliza tecnologias inéditas na Petroquímica Suape

O complexo da Petroquímica Suape reúne três unidades industriais integradas: uma para produção de PTA, outra para produzir polímeros e filamentos de poliéster e uma terceira, que fabricará resina para embalagem PET. São tecnologias de que o Brasil ainda não dispõe. “Fizemos um trabalho de pesquisa conduzido pela área de tecnologia da Petroquisa relacionando tecnologias de fabricação de PTA e de filamentos de poliéster”, explica Richard Ward, diretor presidente da Petroquímica Suape. Informou a revista Brasil Energia.

### Dedini entrega unidade de nafta para Refap

A Dedini entregou, no início do mês, duas torres da unidade de hidrodessulfurização de nafta craqueada, que está sendo construída na Refap, no RS. As obras estão a cargo do consórcio HDS, formado pela Skanska e Promon. As torres entregues têm 27,1 m e 40,58 m de comprimento, respectivamente. O contrato com a refinaria gaúcha inclui ainda o fornecimento de mais 5 torres e 11 vasos de pressão. As peças foram fabricadas nas unidades de Piracicaba e Sertãozinho, em SP. Após a ampliação, a Refap passará a ser a 5ª maior refinaria do país, com capacidade para processar 30 mil m3/dia de petróleo. A Dedini tem em carteira encomendas de 345 equipamentos, para outros seis consórcios responsáveis por ampliações de refinarias, em todo o país. Informou a Revista Brasil Energia.

## Negócios para o Plástico

### Positivo Alfa, o primeiro e-Reader brasileiro chega ao mercado

Chega ao mercado no próximo dia 10 o primeiro e-Reader brasileiro, o Positivo Alfa. Fabricado pela Positivo Informática, o equipamento leva plástico em sua área externa feita em plástico, tem tela sensível ao toque de 6 polegadas, pesa 240 g e tem 8,9 mm de espessura, 170 mm de altura e 124 mm de largura. A capacidade de armazenamento é de 2 GB, ou até 1,5 mil livros. Informou o iG/ Guilherme Barros.

### A madeira de plástico

Resíduos de polietileno se transformam em um material novo: a madeira plástica. Pensada para reaproveitar um produto com longa vida útil, o plástico, as novas tábuas transformaram-se em uma alternativa para o que precisa durar. Com características físicas muito parecidas com as da madeira tradicional, a opção reciclada é ideal para locais expostos ao tempo, como o deque ao redor de uma piscina. “Costumamos dizer que a madeira plástica reúne o melhor do plástico com o melhor da madeira”, conta Michel Batista, gerente de produção da Madeplast, empresa paranaense que produziu as tábuas com sobras de madeira e resíduos de embalagens plásticas. Em Estância Velha, no Rio Grande do Sul, a Acinplas iniciou a produção da nova madeira há 10 anos porque queria uma alternativa adequada aos resíduos de plástico que produzia em suas unidades. Cem por cento reciclados, os modelos da Acinplas usam apenas plástico em sua composição e ainda não estão no mercado. Nos últimos dois anos, no entanto, ganharam força e agora a empresa quer se viabilizar economicamente para expandir. “É preciso pensar em um destino correto e rentável para o plástico”, justifica Gustavo Bazzano, diretor comercial da Acinplas. Informou o Zero Hora.

## Movimentos da Indústria

### Produção cai 4,24% no primeiro semestre

O Relatório de Acompanhamento Conjuntural (RAC), da Abiquim, revela que a produção de produtos químicos de uso industrial e as vendas internas caíram 4,24% e 0,21%, respectivamente no primeiro semestre de 2010. É a segunda queda consecutiva. Em maio, houve redução de 0,65% na produção e de 1,68% nas vendas. Apesar dessas quedas, os resultados do primeiro semestre são positivos. A conjuntura recente pode ser explicada pela realização de algumas paradas programadas para manutenção e também, em alguns casos, pelo adiamento de compras/estoques preventivos nas diversas cadeias, motivado pela expectativa de redução de preços no mercado internacional, em razão da não retomada das atividades no mercado mundial, culminando em aumento do excedente de produtos em diversas regiões consumidoras. Na comparação com o mesmo período de 2009, a produção cresceu 12,01% e as vendas ao mercado interno aumentaram 9,89%. A utilização da capacidade instalada chegou a 82% no semestre, 5% a mais na comparação com o primeiro semestre de 2009. As importações, contudo, continuam a responder por crescente parcela do consumo aparente nacional, que cresceu 19,34% de janeiro a junho. As importações aumentaram 35,84% no período, quatro vezes mais do que a produção local. No 1º semestre de 2010, sobre igual período do ano anterior, o índice de produção subiu 12,01%. Nessa comparação, à exceção de intermediários para fibras sintéticas (com queda de 2,39% em relação aos meses de janeiro a junho do ano passado), todos os demais grupos analisados tiveram elevação no índice de produção, cabendo destacar outros produtos químicos orgânicos (+32,19%), resinas termofixas (+28,70%), intermediários para resinas termofixas (+27,65%), outros produtos inorgânicos (+25,84%), intermediários para plastificantes (+20,71%) e solventes industriais (+20,64%). Dado o elevado peso na amostra, também merecem destaque os grupos de produtos petroquímicos básicos (+16,03%), resinas termoplásticas (+9,04%), intermediários para plásticos (+9,52%), cloro e álcalis (+10,05%) e intermediários para fertilizantes (+5,94%). A maior fatia da produção dos produtos amostrados no RAC (cerca de 90% em média do total comercializado nos últimos cinco anos) foi destinada às vendas realizadas no mercado interno. De janeiro a junho de 2010, em relação aos seis primeiros meses do ano passado, o volume exportado caiu 14,6%. O índice de quantum das vendas internas dos produtos químicos de uso industrial (IGQ Abiquim-FIPE Vendas Internas), conforme informações preliminares, registrou o terceiro recuo consecutivo, com resultado de -0,21% em junho de 2010, após apresentar queda de 1,68% em maio e de 7,17% em abril. A redução das vendas internas foi atribuída pela grande maioria das empresas participantes à menor atividade (ou certa estabilidade) de certos segmentos consumidores e também, em alguns casos, ao aumento do nível de estoque nos clientes. Informou Química Industrial.

### Hypermarcas compra fabricante de fraldas Mabesa

A Hypermarcas fechou a compra da Mabesa do Brasil, fabricante de fraldas descartáveis, absorventes higiênicos femininos e lenços umedecidos, comercializados sob as marcas Cremer-Disney, Plim Plim, Puppet e Affective, entre outras. O valor do negócio está estimado em R\$ 350 milhões. De acordo com comunicado encaminhado pela empresa, a aquisição consolida a Hypermarcas como a maior empresa brasileira do setor de descartáveis, com liderança nos segmentos de fraldas infantis e geriátricas, nos quais a companhia já possui as marcas Pom-Pom, Sapeka e York. Com a Mabesa, que apresentou receita líquida de R\$ 267 milhões e lucro bruto de R\$ 102 milhões em 2009, a Hypermarcas adiciona ainda um centro industrial, em Mogi das Cruzes (SP). A conclusão do negócio ocorrerá após a conclusão de auditoria jurídica, contábil e tributária da Mabesa, além de uma reorganização societária e a negociação dos contratos definitivos, informa a Hypermarcas, no comunicado. Informou o iG Economia.

### Basf planeja explorar pré-sal no Brasil

A gigante alemã Basf tem planos ambiciosos para a América do Sul: quer crescer a um ritmo de 8% ao ano até 2020, acima dos 6,5% projetados para o mercado químico na região. E, para atingir essa meta, decidiu ampliar a capacidade de produção de seus negócios tradicionais, como defensivos agrícolas e tintas, e estuda sua entrada na área de exploração e produção de petróleo no pré-sal. Queremos conversar com a Petrobras e entender a tecnologia que será usada na extração de petróleo - confirmou Alfred Hackenberger, que no dia 1º de maio assumiu a presidência da Basf para a América do Sul. Informou O Globo.

### Natura começará a usar 'plástico verde' nas embalagens em outubro

O diretor de Sustentabilidade da Natura, Marcos Vaz, afirmou que outubro será a data do lançamento no mercado brasileiro do primeiro produto cosmético com embalagem de "polietileno verde". O objetivo da iniciativa é reduzir o impacto ambiental causado pela produção desse tipo de produto. O material, também chamado de "plástico verde", é produzido a partir da cana-de-açúcar, uma fonte de energia vegetal e renovável. Essa inovação é fruto de uma parceria entre a Natura e a petroquímica Braskem e já havia sido anunciada recentemente, mas ainda sem a data definida para o lançamento. O plástico verde será lançado gradualmente, a partir de outubro, nas embalagens de refil. Informou a Agência Estado.

### Água Consciente

A empresa americana Bubble Water criou uma garrafa ecologicamente correta, que já vem com sistema de purificação embutido no gargalo. Visando o descarte responsável das embalagens, esta garrafa seria uma alternativa para o alto consumo de água dos americanos, que gastam US\$ 17 bilhões por ano na compra de água em garrafas PET. Informou IstoÉ Dinheiro.

### Importados já são 18% do consumo

Impulsionada pela força da demanda interna e pelo dólar barato, as compras externas avançam a um ritmo impressionante. A participação das importações no consumo doméstico de bens industriais ganha rapidamente terreno neste ano. No segundo trimestre, ficou em 18,3%, o nível mais elevado da série da LCA Consultores, iniciada em 2002, muito acima dos 14,9% do mesmo período de 2009. Impulsionadas pela demanda interna e pelo dólar barato, as compras externas avançam a um ritmo impressionante. De abril a junho, o volume importado cresceu 46,1% sobre os mesmos meses do ano passado, expansão ainda maior que a de 37,8% do trimestre anterior. Porém, a alta da participação das importações não é generalizada. Ocorre com mais força em setores como têxteis, materiais eletrônicos e aparelhos de comunicação, metalurgia básica e máquinas, aparelhos e materiais elétricos. Neste último item, atingiu 27,5% no segundo trimestre, o mais alto da série iniciada em 2002. Já nos segmentos de máquinas e equipamentos, calçados, petróleo e carvão, a parcela dos produtos estrangeiros está abaixo dos níveis de 2008, quando a economia e as importações cresciam muito. Para o economista Júlio Callegari, do J. P. Morgan, a combinação da fraqueza da economia global com a força da demanda interna é um poderoso incentivo à alta das importações, ainda mais com o câmbio sobrevalorizado. Por aqui, alguns setores começam a bater no limite da capacidade produtiva, enquanto muitos países têm grande ociosidade na indústria. "Isso torna o produto estrangeiro ainda mais competitivo". Nesse quadro, a fatia das importações avança, mesmo com a produção industrial brasileira em alta: de janeiro a junho, cresceu 16,2%. Informou Valor Econômico.

### Para IEDI, baixa de 0,6% em São Paulo mostra que recuo da produção industrial poderia ter sido menor

Os dados da produção industrial por estados, divulgado ontem pelo IBGE, mostraram que o recuo do setor verificado em junho poderia ter sido menor se não fossem fatores como a Copa do Mundo e paradas de determinados segmentos que contavam com estoques elevados. Rogério Cesar de Souza, economista do IEDI, acredita que a queda de 0,6% da produção industrial paulista reforça esta percepção. "Com uma base industrial mais diversificada, São Paulo recuou 0,6%, enquanto a produção no País caiu 1%", disse. Assim, para o economista, confirma-se a previsão de crescimento para o segundo semestre, mas a taxas menores do que as registradas nos três primeiros meses do ano. "Se não fossem as reduções de jornadas por conta da Copa, a queda em São Paulo teria sido ainda menor", acrescentou Souza. No primeiro semestre, a expansão da produção industrial foi de 16,7%. A estimativa do IEDI para o ano é de um avanço de 10%, o que mostra um ritmo menor de crescimento nos próximos meses. Na comparação de junho com maio, as maiores quedas aconteceram em Goiás (-9,2%) e Bahia (-6,0%), seguidos pela região Nordeste (-3,5%), Minas Gerais (-3,3%), Pernambuco (-2,3%), Santa Catarina (-2,1%) e Paraná (-1,7%). Além de São Paulo, Pará (0,3%) e Rio de Janeiro (0%) ficaram com desempenhos melhores do que a média nacional. Já o Espírito Santo (+4,9%), Amazonas (+2,4%), Rio Grande do Sul (+1,5%) e Ceará (+0,7%) apresentaram desempenhos positivos no mês. Ainda para o economista do IEDI, dois fatores podem impedir a expansão da indústria neste terceiro trimestre: alta dos juros e expectativa de compras menores dos consumidores. "O ritmo da produção industrial pode estar entrando em outro ciclo. Desta vez, a desaceleração pode ocorrer pela alta dos juros", afirmou. Além dos juros, na opinião de Souza, alguns indicadores de expectativas de compras dos consumidores podem preocupar. "Temos indicação de que as expectativas dos consumidores estão caindo". Segundo o economista, os dados recentes de inflação mostram que o Banco Central errou na dose da alta dos juros nas últimas reuniões do Copom. "Se as altas de preços tivessem sido bem diagnosticadas, não teria necessidade de aumento de juros", disse Souza. Informou o iG/ Guilherme Barros.

### América Latina salva exportação de carros no Brasil

A indústria automotiva brasileira tenta recuperar o nível de exportações depois do baque da crise mundial e tem na América Latina o grande impulsionador desta retomada. Cerca de 65% do que o país exportou em 2010 foi destinado aos países do continente. Estes resultados compensam a má fase que atravessa grande parte das economias européias. Em 2009, 10% das exportações de veículos brasileiros foram para a Europa. A expectativa é que neste ano esta parcela seja ainda menor. "O mercado latino-americano cresce com muita força, principalmente em países como Argentina, Chile e México, grandes compradores do Brasil", afirma o presidente da Associação Nacional dos Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), Cledorvino Belini. A entidade revisou sua previsão de exportação de veículos em 2010, elevando de 9% para 12,4%. A expectativa é que o Brasil consiga vender para o exterior 662 mil unidades neste ano. De janeiro a julho, a indústria brasileira atingiu a marca dos 357 mil veículos exportados. Entretanto, apesar da perspectiva favorável, Belini afirma que o país não tem fôlego para recuperar a boa fase de anos atrás. Em 2005, o país atingiu seu maior patamar em exportações, com cerca de 900 mil unidades vendidas. "Não vejo perspectiva de recuperação. Ainda temos muitos problemas de competitividade que nos fazem ficar aquém de nosso real potencial. Estamos 300 mil unidades abaixo de nossa melhor fase", diz o presidente. As maiores travas à competitividade do país no exterior, na visão de Belini, são a carga tributária elevada e a infraestrutura insuficiente do país principalmente no escoamento das exportações. "Outro problema da cadeia produtiva é, por exemplo, o preço do aço, que ainda está muito alto no país. Isto também nos torna menos atraentes no exterior". Informou o Investimentos e Notícias.



# leia

boletim informativo do Siresp

## Mundo

### Rhodia fecha acordo com petroquímica saudita

A Rhodia, maior consumidora de álcool químico do Brasil, fechou um contrato com a Sipchem - Companhia Petroquímica Saudita Internacional, da Arábia Saudita, para construir uma fábrica de acetato de etila, utilizado pelas indústrias de tintas e vernizes. Nesse acordo, a companhia saudita investirá cerca de US\$ 100 milhões para erguer a unidade e a subsidiária brasileira fornecerá a tecnologia, o etanol destinado à produção do insumo, e ainda comercializará o produto final. Informou o Valor Econômico.

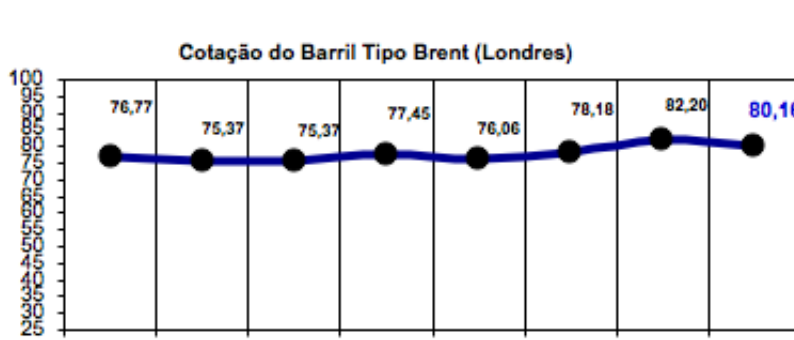
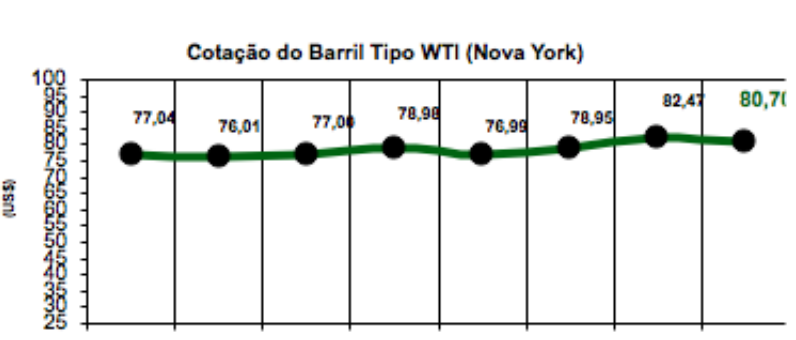
### Petroquímicas do Golfo Pérsico querem usar nafta

As empresas petroquímicas do Golfo Pérsico estão planejando a construção de plantas utilizando nafta como matéria-prima, em função da escassez de gás natural, para novos projetos na região. Abu Dhabi planeja construir a primeira planta de produção de plásticos no Oriente Médio, que irá operar apenas com nafta como matéria-prima. O governo da Arábia Saudita planeja fazer o mesmo e alguns dos parceiros nesses projetos são a Total e a Sumitomo. A indústria petroquímica na Ásia e Europa utiliza a nafta, como principal matéria-prima. Já a indústria do Oriente Médio utiliza o gás natural, por ter produção local e baixo custo. Porém, com a elevação da demanda por energia na região, a nafta volta a ser uma alternativa de matérias-primas, para novos projetos. Informou a MaxiQuim Online.

## Cotação

### Preços do petróleo

Em Nova York, o barril do WTI para entrega em setembro fechou a US\$ 80,70, com queda de US\$ 1,31, enquanto o vencimento de outubro terminou valendo US\$ 81,18, com recuo de US\$ 1,27. Em Londres, o Brent para setembro perdeu US\$ 1,45, para US\$ 80,16, e o contrato de outubro foi cotado a US\$ 80,59, com desvalorização de US\$ 1,36. Mesmo diante da desvalorização do dólar frente às principais moedas do globo, que costumam estimular as negociações da commodity, o clima negativo prevaleceu. Informaram as agências internacionais.



## Agenda

### Produzindo no Brasil

Será realizado no dia 10 de agosto o Seminário Estratégico "Produzindo no Brasil". O evento foi idealizado em função de um quadro preocupante. No embalo da globalização, o Brasil importa cada vez mais artigos – em boa parte de má qualidade, quando não bugigangas, cuja função maior pode ser resumida em poucas palavras: forte drenagem de divisas, eliminação de empregos, desindustrialização. Entre os palestrantes, o evento contará com a presença de José Ricardo Roriz Coelho – diretor de Competitividade da Fiesp (Federação das Indústrias do Estado de São Paulo) e presidente da Abiplast (Associação Brasileira da Indústria do Plástico) e da Vitopel -, João Paulo Ferreira - vice-presidente de Operações e Logística da Natura Cosméticos -, Luis Aldo Sanchez-Ortega - diretor do IFC (International Finance Corporation), Banco Mundial -, Luis F. Ceribelli Madi - diretor geral do ITAL (Instituto de Tecnologia de Alimentos) -, Fernando Bueno – diretor de competitividade da Abimaq (Associação Brasileira da Indústria de Máquinas e Equipamentos) -, Maurício Montoro Groke - presidente da Abre (Associação Brasileira de Embalagens). Informações: [www.ciclodeconhecimento.com.br](http://www.ciclodeconhecimento.com.br) ou pelo e-mail: [ciclo@embalagemmarca.com.br](mailto:ciclo@embalagemmarca.com.br).

### Sucessão presidencial será debatida com executivos da indústria química e petroquímica

O Sindicato das Indústrias de Produtos Químicos para Fins Industriais e da Petroquímica no Estado de São Paulo – SINPROQUIM promove em sua sede o encontro dos executivos das indústrias químicas e petroquímicas com o jornalista Augusto Nunes em mais uma edição do Café com Opinião. O evento será no dia 11 de agosto, às 8h45. O Café com Opinião, realizado pelo Sindicato, visa promover debates e a disseminação de informações aos empresários do setor através de conversas com personalidades e formadores de opinião do mundo político, econômico e cultural. A entrada é gratuita. O Sinproquim fica na Rua Rodrigo Claudio, 185 - Aclimação – São Paulo. As inscrições devem ser feitas pelo e-mail [eventos@sinproquim.org.br](mailto:eventos@sinproquim.org.br).

### Cintec Plásticos 2010

Acontecerá entre os dias de 23 e 27 de agosto, o Cintec Plásticos 2010. Na abertura, Luís Dagnone Cassinelli, diretor de Tecnologia e Inovação da Braskem falará sobre as tendências do mercado do material plástico sob a ótica do conhecimento e da sustentabilidade. O evento acontecerá no Expoville, em Joinville (SC). Informações no [www.messebrasil.com.br](http://www.messebrasil.com.br).

### Interplast 2010 reunirá cadeia do plástico em Joinville

A Interplast 2010 – Feira e Congresso Nacional de Integração da Tecnologia do Plástico - será realizada de 23 a 27 de agosto em Joinville/SC. A expectativa é que a feira seja a maior do setor de plástico em espaço ocupado e em número de expositores a ser promovida no país em 2010. Paralelamente serão realizados dois eventos: o II Seminário de Desenvolvimento da Manufatura de Moldes e Matrizes, e o Cintec Plástico – Congresso de Inovação Tecnológica. Os eventos são promovidos pelo IST/Sociesc – Sociedade Educacional de Santa Catarina. Informações no [www.interplast.com.br](http://www.interplast.com.br).

## Artigo

### Como defender a indústria nacional?

Acreditamos no valor das iniciativas corretas e, no esforço para por em prática esse princípio, nos unimos às forças produtivas que acenam com a bandeira da defesa da indústria nacional. Move-nos a constatação de que vem se consolidando de forma vigorosa na cadeia produtiva um modelo de negócio que levanta o debate sobre a possibilidade de desindustrialização do Brasil.

Numa descrição sintética, essa receita consiste em substituir por bens de capital (muitas vezes usados) e produtos acabados (muitas vezes de qualidade inferior) itens para cuja fabricação temos parque industrial instalado, tecnologia, tradição de fabricação, marcas consolidadas e sólidas garantias de suprimento e de assistência técnica. A desvantagem do produto brasileiro fica então, basicamente, no preço de venda favorável aos artigos importados. Afinal, por que fabricar ou comprar aqui se as margens de lucro com importados, adquiridos a preço mais baixo, são seguramente maiores? No caso da produção, há uma vantagem adicional: pode-se dispensar boa parte dos trabalhadores, restando apenas montadores e empacotadores.

A calamidade se traduz de forma evidente no campo de bens de consumo. Basta um giro por um supermercado para constatar que se dá verdadeira enxurrada de produtos – muitos deles bugigangas – vindos de fora, com destaque para os chineses. Tudo indica que, na cabeça dos importadores – aqueles que sempre se dedicaram à atividade e cujas hostes se engrossam com a adesão de adventícios e dos que trocam a produção pela importação – o futuro está distante e a palavra de ordem é “faturar, aqui e agora”.

Nada contra o lucro nem contra as importações, que eventualmente cobrem falhas de suprimento e agregam tecnologia. Não será com xenofobia, gritos de guerra contra a globalização e imposições de barreiras alfandegárias que o produto industrial brasileiro se tornará mais competitivo. Numa visão imediatista, a demanda interna aquecida e o real fortalecido estimulam as importações, sem prejudicar a produção nacional, que trabalha nos limites da capacidade para atender ao mercado. Mas resta a pergunta: Como ficar a situação quando a febre de consumo arrefecer?

Outra questão, que serve como resumo: por que, sendo o maior produtor mundial de café em grão, o Brasil não faz parte do privilegiado clube dos países que lucram alto com exportações de café pronto para consumo, praticamente fechado entre Alemanha, Itália e Suíça – onde pés de café só existem em fotos? Na condição de um dos maiores produtores agrícolas do mundo, com sofisticado parque industrial instalado, matérias primas e conhecimento para desenvolver embalagens que nada devem ao que se faz lá fora, o Brasil tem tudo para se tornar um grande exportador de produtos já acondicionados, que geram emprego e riqueza e viabilizam de fato a cada vez mais decantada sustentabilidade.

Em vez de importar cada vez mais produtos prontos, que o País tem total aptidão para fabricar, deve-se levantar a bandeira das exportações, mas não primordialmente de minérios, carne, commodities agrícolas. A exportação do produto embalado, devidamente identificado, agrega valor ao país, à indústria nacional, gera emprego, desenvolvimento e competitividade. E nosso País está capacitado, tanto em termos de informação e tecnologia quanto de matéria prima para desenvolver embalagens á altura do mercado global, que sejam capazes de destacar o produto brasileiro na prateleira, proporcionando a ele maior durabilidade e, ainda, sustentabilidade no momento do descarte (embalagens recicláveis, feitas com redução de matérias primas e de energia, desenvolvimentos que gerem menos quantidade de resíduo pós-consumo).

Em apoio a esse movimento, reuniremos representantes de empresas fornecedoras e usuárias, bem como entidades representativas da cadeia de valor da embalagem para apontarem caminhos viáveis de estímulo à competitividade do produto nacional, no próximo dia 10 de agosto, em São Paulo, no Seminário Estratégico "Produzindo no Brasil".

A hora é de inserir positivamente o Brasil na realidade irreversível da globalização da economia, porém na condição de exportador também de bens de consumo com valor agregado e competitividade. Sendo competitivo no varejo o País poderá enfrentar tranquilamente a invasão que se dá agora, quando “o consumo está bombando”, e também amanhã, quando ninguém sabe como estará.

Wilson Palhares é diretor do Ciclo de Conhecimento - [www.ciclodeconhecimento.com.br](http://www.ciclodeconhecimento.com.br).

### O Leia! segue as normas da Nova Ortografia dos países de língua portuguesa.

**Expediente**  
 O Leia! é produzido com base em leituras de jornais, revistas, agências e sites de notícias, boletins corporativos dos principais setores ligados à petroquímica, reuniões e eventos realizados na Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp).

**Comitê editorial**  
 Flávio Lucena Barbosa - Presidente  
 Rosana Paulis e Eduardo Sene - Assuntos Fiesp/Siresp  
 Comunicação Institucional do Siresp - Édison Carlos (Solway)  
 Marcio Freitas - Editor  
 Jennifer Toledo e Brenda Nunes - Redação  
 Roberta Provatti - Jornalista responsável - MTB-24197/SP

**Acesse nosso site**  
**Clique aqui**  
[www.siresp.org.br](http://www.siresp.org.br)